SID CASTRO

FUTEBOL

O Rei do Futebol

Editora Draco

Futebol
O Rei do Futebol

Sid Castro

1ª edição

Editora Draco

Sao Paulo
2016

Sid Castro

De Catanduva, SP, é quadrinista e escritor de literatura fantástica. Colabora com a lendária revista de terror nacional Calafrio e publicou contos e noveletas nos livros Território V, Contos Imediatos, Portal 2001, Portal Fahrenheit, Dieselpunk, A Batalha dos Deuses, Brinquedos Mortais, SOS – A Maldição do Titanic, Erótica Fantástica – Volume I, É Assim que o Mundo Acaba, Terrir – e, em breve, em Les Enchantés, Lendas Urbanas e Space Opera 3.
www.facebook.com/sid.castro
libernauta.wordpress.com

Todos os direitos reservados à Editora Draco

Publisher: Erick Santos Cardoso
Produção editorial: Janaina Chervezan
Edição: Cirilo S. Lemos e Marco Rigobelli
Capa e arte: Ericksama

Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)
Ana Lúcia Merege 4667/CRB7

Castro, Sid

Futebol - O Rei do Futebol / Sid Castro. – São Paulo : Draco, 2016.

1. Contos brasileiros I. Castro, Sid

CDD 869.93

Índice para catálogo sistemático:

1. Contos : Literatura brasileira 869.93

1ª edição, 2016

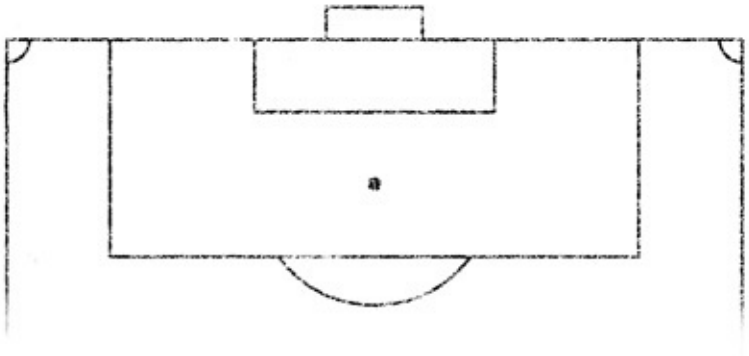
Editora Draco
R. César Beccaria, 27 – casa 1
Jd. da Glória – São Paulo – SP
CEP 01547-060
editoradraco@gmail.com
www.editoradraco.com
www.facebook.com/editoradraco
twitter e instagram: @editoradraco

Sumário

Capa
Folha de rosto
Créditos
O Rei do Futebol - Sid Castro
Contos do Dragão

O Rei do Futebol

Sid Castro



Preliminar

A bola de couro cruzou a cortina de fumaça e fuligem sobre o campo. O vento poluído a teceu desde o horizonte coalhado de gigantescas chaminés das fábricas. Lançavam sombras turvas sobre o campo de *football* no Germânia, um dos clubes da elite paulistana, em que soberbos cavalheiros, apenas filhos de boas famílias, disputavam uma partida do novo esporte bretão. Era o verão de 1894, e a plateia não era menos seleta, embora tentasse manter-se alheia ao desconforto de suas casacas e peles importadas.

Maldita Era do Vapor, pensou tossindo Tanya Titov, tentando manter a elegância e a postura em seu apertado vestido vitoriano. *Fumaça e espartilhos.*

Discretas palmas chamaram sua atenção para uma jogada do senhor Charles Miller, o responsável pela introdução do esporte no Império Tropical, após o período em que passou na Velha Albion, a revolucionária República Britânica. O esporte praticado apenas pela elite da província estava se disseminando em todo o grande Império do Brazil, graças à divulgação nas salas dos cinematógrafos e, dali, para as várzeas.

Pensando nisso, Tanya abriu a bolsinha que combinava com o chapéu emplumado e retirou seu Cronômetro Alternante, que tinha assumido a forma de um artefato *steampunk*, típico daquele período. Leu os metadados do Cronômetro apontados para o cinegrafista Máximo, captando aqueles momentos históricos para o *football association* no país. A contagem de *probitons* originada por ele era grande.

O fluxo de probitons está aumentando, interpretou no mostrador. Segundo uma teoria que ainda não existia em 1894, *probitons* eram partículas ou ondas de probabilidades de novos fluxos de Realidades Alternativas. *Mas o foco ainda não é ele. Está no futuro.*

Primeiro Tempo

O Rei do Futebol olhou para cima, seus olhos verdes admirando a passagem solene do Zeppelin sobre o Maracanã. As letras em neon brilhavam em seu bojo, mutantes: Copa do Mundo de 1942, Rio de Janeiro, Brazil. Era a grande final, e ele comandava a seleção azul real, pronto para enfrentar pelo título mundial o poderoso time do Reich Germânico. Arthur Friedenreich sorriu, sabendo que ele, filho de um alemão com uma lavadeira negra brasileira, jamais faria parte daquela equipe. O próprio *Führer* viera à capital do Império assistir à final, mas o time germânico era "puro", completamente isento de sangue não-ariano. Sobre essa ótica, ele era uma afronta, com seu sangue germânico misturado. E pensar que jogara tanto tempo num time brasileiro chamado justamente Germânia, por conta da origem de seu pai.

Observando do campo, nada disso passou despercebido a Juvenal Máximo, repórter de campo da Telerrádio Nacional, que transmitia para todo o planeta a final da Copa do Mundo do Brazil. Juvenal publicara reportagens sobre as grandes equipes e jogadores do *football association* internacional, mas era realmente conhecido no país por suas entrevistas nas imagens coloridas do telerrádio, ao vivo do campo. Conhecia bem cada um daqueles jogadores, principalmente o maior deles, que jogara tanto tempo em São Paulo e chegara à incrível marca dos mil *goals*, insuperável em todo o mundo. Era seu último jogo, e o capitão Fried se aposentaria, no auge da glória. Nesses tempos novos e perigosos, em que uma Guerra Fria polarizava entre democracias parlamentares e extremismos fascistas, já não havia lugar para o romantismo da *Belle Époque*. O esporte bretão era para profissionais, um confronto ideológico, mas nem sempre fora assim. Suas lembranças retornaram para tempos mais românticos, quando ainda nem havia nascido, mas que seu avô, cine-repórter do século passado, gravara em cenas memoráveis para a tela grande. Quando o pioneiro Charles Miller voltara da República Britânica trazendo as primeiras peças do novo esporte praticado pelos operários ingleses: o *football*.

Ali estava ele, na tribuna de honra do Império, sua imagem setuagenária projetada no telão, flutuando sobre a torcida azul, contrastando com a bem menor toda de negro ostentando flâmulas com suásticas vermelhas. Dizia-se que o velho Charles nunca mais fora o mesmo, desde que sua esposa fugira com um escritor de ficção científica.

Mas ele próprio também era um escritor diletante desse gênero futurista, embora ganhasse a vida como jornalista esportivo no telerrádio. Imaginava um dia escrever um romance de ficção científica sobre uma Copa do Mundo em mundos

alternativos, razão pela qual chegara a visitar o Instituto Landell de Moura, em São Paulo, durante a inauguração do Acelerador Alternante. Foi quando conheceu Tanya e sua vida mudou.

Os shows musicais estavam terminando, ao som de Aquarela do Brazil, logo seguido por uma revoada de homens-foguete com bandeiras de todas as equipes do mundial. Quando o campo estava sendo esvaziado de bandas, repórteres, funcionários e curiosos, Máximo viu alguém que sabia ser ela. Conhecia todos os repórteres e a maioria dos membros do comitê organizador da Copa, dirigentes, funcionários e penetras habituais, mas vislumbrou entre eles uma jovem de cabelos negros presos e um discreto jaleco da área técnica da Fifa. Flagrou-a olhando para ele também, mas logo desapareceu na multidão que abandonava o campo.

O repentino soar das primeiras estrofes de *Deutschland über alles* o chamou de volta ao evento. Quando o Hino do Império do Brazil estava para começar, Máximo procurou novamente pela morena misteriosa no pessoal da Fifa à postos nas laterais do campo, mas havia desaparecido.

Talvez fosse apenas um *déjà vu*.

O apito breve e estridente do árbitro deu início à partida da final. Com a posse da bola, o time germânico executou uma série de passos rápidos e surpreendentes em direção à meta brazileira, enquanto a torcida ainda festejava. Em poucos minutos o time germânico envolveu a defesa imperial, enquanto o público ainda cantava o grito antecipado de campeão, e avançou com fúria sobre a meta da seleção. Era a famosa *blitzkrieg*, a tática fulminante de ataque da seleção ariana, usado mais cedo e com mais força do que esperado pelo *scratch* azul real. Poucas jogadas depois, um fulminante *goal* calou o Maracanã.

Na lateral do campo, no espaço em que era permitido aos jornalistas circularem com suas máquinas e microfones, Juvenal Máximo saiu de sua perplexidade quando sentiu um toque em seu ombro.

– Acalme-se. Isso não é nada. Há muito mais em jogo do que uma bola na rede – a jovem disse, retirando da bolsa com insígnias da Fifa o que parecia um cronômetro. Ele brilhou quando ela apertou um botão. – Nos vemos em outra realidade.

O repórter não teve tempo de externar o reconhecimento do rosto e do nome que lia em seu crachá: "Tanya Titov". A realidade deixou de existir para ele poucos segundos depois, no espaço de segundos em que se lembrava de tê-la visto pela primeira vez na vida.

Intervalo

Juvenal Máximo estava sentindo-se um peixe fora d'água durante sua visita ao Instituto Landell de Moura, em São Paulo, alguns anos antes da Copa do Mundo. Todos gracejavam por que um telerrepórter esportivo tinha se interessado numa visita monitorada às instalações do ILM, referência em física experimental desde o século passado, por onde passaram nomes ilustres como Einstein, Tesla e Bohr, entre outros. Foi lá que viu a Dr.ª Tanya Titov pela primeira vez. Não era particularmente bela, mas tampouco desinteressante. Os cabelos pretos presos, o indefectível jaleco branco e óculos *goggles* que aqueles cientistas experimentais gostavam de usar a tornavam uma figura comum naquele ambiente de máquinas gigantescas e túneis metálicos a perder de vista. A cientista tinha algo naqueles olhos furta-cor que mexeu com ele, quando seus olhares se cruzaram durante as explicações dos enormes Aceleradores Alternantes exibidos aos jornalistas.

Pra que servem?, perguntou a elegante editora do Moda Imperial.

Enviar partículas coerentes através do continuum espaço-tempo, respondeu a Drª. Tanya.

Viajar no tempo?, arriscou o incrédulo colunista do caderno de ciências do Vapor Diário. Isso é possível?

Sim e não, respondeu enigmaticamente outro cientista. O tempo é uma espiral girando no passado e futuro, refazendo-se num ciclo infinito, segundo a Teoria Alternante. Ou seja, há muitos passados e futuros possíveis para um mesmo tempo.

Juvenal teve coragem de perguntar algo que, pelo menos, justificaria sua presença ali: Eu poderia viajar no tempo e conhecer, digamos, o Charles Miller quando trouxe o football ao Império?Agora que estamos prestes a disputar nossa própria Copa do Mundo...

Todos o olharam com aquela cara de pescador para o peixe se debatendo fora d'água, condescendentes. Ela não. Sorriu. E deu um firme aceno com a cabeça. Ela era bonita, sim.

Segundo Tempo

Juvenal Máximo vomitou no meio fio, junto à calçada. Sentia a cabeça girando, o estômago embrulhado e um total estado de desorientação, como se tivesse sido projetado de uma roda gigante. Aos poucos, a sensação foi passando, vozes de um grupo de transeuntes preocupados à sua volta, que perguntavam se estava bem, enquanto tentavam ampará-lo.

A primeira coisa que percebeu foram suas estranhas roupas e cabelos, o que coincidia com a sensação de que, para eles, estava também exoticamente vestido,

com seu terno anos 1940 e o chapéu Panamá que alguém lhe devolveu da rua, limpando-o com tapinhas.

– E aí, coroa... Tá vestindo os panos do vovô? – disse rindo um jovem cabeludo com uma colorida camisa entreaberta, enquanto lhe entregava o chapéu.

– Estou bem... cavalheiro. Obrigado. Ah... Pode me dizer o ano em que estamos?...

– Bicho, você é quadrado, mas acho que tá viajando no ácido! 1970!

A multidão se afastou, quando um grupo de policiais militares foi atraído pelo pequeno aglomerado, brandindo cassetetes.

Circulando!

Juvenal tratou de afastar-se também, rapidamente, da esquina em que despertara. Despertar. Claro que tudo aquilo só podia ser um sonho. Um pesadelo. Melhor então era ficar calmo e relaxar, e esperar pelo despertar.

Somente então pode olhar melhor ao seu redor: estava no meio de uma avenida de uma grande cidade brasileira – a julgar pelos letreiros e cartazes de publicidade de cigarros e bebidas bem à vista, em português – mas nenhuma que conhecesse. O trânsito caótico o assustou um pouco, mas não o espantou mais do que a lataria futurista dos veículos que faziam estardalhaço com suas buzinas e escapamentos fumarentos.

Havia gente com visual mais discreto, os mais velhos, é verdade, mas todos pareciam ter gosto por cabelos grandes, os homens inclusive, com barbas e suíças exageradas, para não falar em calças apertadas que se abriam como bocas de sino.

E as mulheres... ah, as mulheres! Algumas usavam calças, mas as mais jovens, além de confortáveis e coloridas blusas com desenhos psicodélicos, não se importavam em exibir as belas pernas nas mais curtas saias que jamais tivera oportunidade de admirar.

Uma banca de revistas atraiu sua atenção. A capa de uma revista intitulada O Cruzeiro, exibia uma inusitada Seleção do Brasil, assim, com S, e um chamativo uniforme dourado, ao invés do tradicional azul real. E mais...

O Rei do Futebol.

O título se repetia em jornais e revistas, esportivos ou não. Juvenal procurou a foto dele. Como Friedenreich ainda poderia estar jogando neste futuro distante de 1970?

Pelé. Pelé?

Não. Certamente este jovem negro de nome tão pouco nobre, não era o seu Rei do Futebol. Como puderam repetir o título do atleta do século XX com outro? Perplexo, o telerrepórter se afastou, expulso pelas broncas do jornaleiro. Caminhava

a esmo por esta quase desconhecida São Paulo – sim, podia vislumbrar, em meio aos prédios de um sujo futurismo cúbico, alguns reconhecíveis de sua costumeira cidade natal, assim como o burburinho das conversas entusiasmadas pelo futebol brasileiro, em cada esquina. Mas podia sentir também certo clima sinistro expresso em pichações nas paredes e nas armas expostas sem pudor por militares, cruzando em patrulhas inquisitórias as ruas da cidade, onde tremulavam bandeiras algo diferente das do nobre Império Tropical.

Parou diante de uma loja expondo bojudos aparelhos de telerrádio, ali chamadas televisão. Pequenas telas quadradas, com um branco e preto tremeluzente, aparelhos bem inferiores às de sua época passada, porém mais evoluída.

Brasil, Ame-o ou deixe-o, dizia o slogan que ouvia vez ou outra vindo deles, entre imagens do campeonato mundial conquistado.

Então esse era o futuro: uma ditadura militar.

Isto é o futuro? Parece mais um retrofuturo.

De repente, uma Belina preta parou ao seu lado na calçada e homens mal encarados de óculos escuros saíram do carro e o abordaram, puxando-o com força para dentro. Transeuntes desviaram o passo e o olhar, indiferentes aos protestos sufocados do repórter.

Uma coronhada na cabeça e um saco ocultando sua visão fizeram com que se calasse. Rodaram durante certo tempo até sentir que o carro entrou em algum lugar e parou. Foi puxado asperamente do veículo e conduzido até uma sala, onde retiraram o saco e se deixou ficar, amarrado numa cadeira numa saleta mal ventilada. Somente então pode ver seus captores, todos de roupas civis, exceto um militar que entrou depois e o observou atentamente. Examinou os documentos com um esgar de incredulidade e espanto.

– Império? Que palhaçada é essa, seu comuna?

– Eu... sou telerrepórter. Venho... de outro lugar, outra época. – desabafou Juvenal, sem saber o que falar.

– Pau de arara nele!

O jornalista foi despido e atado numa espécie de cavalete, sofrendo não poucas agressões durante o processo. Parecia algo irreal, que estava acontecendo a outro Juvenal Máximo, não a ele. Um Máximo de outra realidade.

Isso é pior que um pesadelo.

Uma bordoada, seguida de um choque elétrico revelou, dolorosamente, que ele não iria acordar daquele pesadelo. Seus gritos perderam-se entre paredes. Novos choques.

Onde fica sua célula terrorista? Fale!

Novos choques, novas pancadas. E mergulhou numa bem-vinda inconsciência.

Arthur Friedenreich corria célere no Maracanã, driblando a seleção de negro com suásticas vermelhas. O rosto deles confundia-se com o de seus captores desconhecidos, como se fossem a mesma coisa. El Tigre corria rumo à meta distante. O Rei dá um chutão, varando a rede. Goal! A multidão com bandeiras do Império delira. O Führer dá as costas na tribuna de honra e vai embora, sem cumprimentar o Imperador.

Juvenal acordou, ainda pendurado no cavalete. O despertar não o levara de volta ao seu mundo. Os algozes não estão mais lá, mas ouve estampidos. Tiros? Um grupo armado invade a cela com estrépito, o corpo varado de balas do paramilitar que comandou seu sequestro é jogado no chão, pisado pelas botas dos guerrilheiros que entram. Ajudam-no a descer e o desamarram. Há uma mulher entre eles. Ela o ajuda, amparando-o. Está diferente, mas o repórter a reconhece. É Tanya.

– Sei que foi duro e inesperado. Mas você se saiu muito bem, sem enlouquecer.

O Cronômetro.

O tiroteio continua. Outro guerrilheiro, armado, aparece na porta.

– Os milicos estão chegando! Precisamos ir!

– Não posso pelo menos me vestir? – protestou Máximo. – Estou nu!

– Não temos tempo – respondeu sorrindo, apertando o botão do Cronômetro Alternante. – Você passou no teste. Além disso, eu o verei muito assim. Na maioria das realidades, somos amantes.

Teste? Amantes?

Vestiário

Materializaram-se em outra sala, esta parecendo um aquário de vidro, com um exterior fosco e nebuloso. Não parecia haver nada real além daquelas paredes.

– Onde estamos agora? – disse ele, deixando-se cair sentado no chão, todo encolhido, exausto, machucado. Vestia de novo suas próprias roupas. De alguma maneira, seus ferimentos desapareciam.

– Aqui é o Vestiário, um anexo interdimensional do Campo Alternante – respondeu ela, sem tirar os olhos do Cronômetro, agora com uma forma bem menos reconhecível e cheia de imagens tridimensionais formando-se à sua frente, que ela habilmente manipulava. – Onde recebemos novos corpos ao descarregar o fluxo de *probitons* entre as realidades.

– Para que Realidade vamos agora?

– Para a sua. 1940, convencionalmente chamada "era dieselpunk'. Esperando que o fluxo de *probitons* tenha sido corrigido durante sua ausência. Temos de diminuir, até a extinção, Realidades Alternativas em que nazistas ou assemelhados sejam supremos.

– Então você não é de minha época?

– Venho de fora. Sou uma alternauta.

– Alternauta?

– Viajante entre Realidades Alternativas. Somos uma espécie de patrulha interdimensional, a partir de uma Realidade Matriz altamente desenvolvida no futuro. Nossa missão é corrigir o campo probabilístico, para eliminar as Realidades Alternativas que possam gerar caos, destruição ou holocaustos, impedindo que elas se reproduzam. Nem sempre conseguimos. Se o Reich vencesse a seleção, seria o primeiro de uma série de eventos levando a um mundo de morte e destruição na sua Realidade.

– E qual meu papel nisso tudo?

– Sua herança genética. Assim como seu avô cinegrafista na "era steampunk", a do Charles Miller, você é uma antena natural de *probitons*. Por isso me identificou, mesmo sem a ajuda de um Cronômetro Alternante. Mas tivemos de esperar até sua geração para recrutá-lo.

– Recrutar?

– Sim. Como alternauta.

Prorrogação

A seleção azul real enfrentava o jogo da sua vida no Maracanã, em 1940. O segundo tempo estava nos momentos finais quando os alternautas reapareceram na lateral do campo. Havia outro Juvenal Máximo cobrindo a transmissão da final da Copa. Era estranho ver a si próprio trabalhando e passar despercebido. Tanya segurou sua mão.

– Jamais poderei voltar aqui?

– Não. Nossa função é navegar pelas Realidades Alternativas e estudar com o Cronômetro como mudá-las.

– Mas eu sequer sou cientista. Sou um especialista apenas em *football*. O que esse esporte tem de tão poderoso para criar novas linhas de Realidades Alternativas?

– Funciona de maneira análoga à presença de uma grande massa, cujos *gravitons*, partículas de gravidade, curvam o espaço-tempo. Eventos de massa, como guerras,

religiões e catástrofes – ou uma Copa do Mundo, canalizam massa crítica de *probitons*, partículas de probabilidade, que curvam a textura das Realidades Alternativas. O futebol é, então, um excelente campo probabilístico para experimentos em alteração da realidade, conduzidos por alternautas.

– Não tenho um Cronômetro. Mas imagino que toda a Força Alternante de uma torcida poderá mudar esse jogo. E o destino dessa Realidade. É isso?

Gooooooooool!

Gritou o alter ego de Juvenal Máximo.

Um homem desequilibra uma partida.

O cenário parecia mudado no Maracanã. A torcida tão calada após o *goal* germânico e sua aparente superioridade, agora gritava eufórica com o empate que devolvia esperança ao time da casa. Diante dos alternautas repetiu-se um padrão que, de alguma maneira já estava programado na mente dele, e se repetia na Realidade como num filme 3D. Um poderoso fluxo de *probitons* alterava a história, conduzida pela torcida, sem se dar conta de sua existência.

O protagonista era o Rei do Futebol. O veterano capitão da seleção azul real em seu último alento como jogador profissional, Arthur Friedenreich, driblou mais uma vez a *linha Siegfried*, a muralha germânica abalada pelo empate inesperado e mergulhou no campo adversário. Apoiado pelos companheiros, *El Tigre* parecia um equilibrista dançando sobre o inferno. Numa tabela fulminante, o *center forward* avançou sobre o território inimigo, fugiu da violenta marcação e disparou o chute mais importante de sua carreira.

Os dois Juvenal Máximo gritaram com o Maracanã a vitória aos 45 do segundo tempo.

Vestiário

Juvenal Máximo conferiu a tela do seu Cronômetro Alternante, no Vestiário. Desde que voltara da Realidade Alternante, base dos alternautas no futuro, onde fora treinado, ainda estava se acostumando a usá-lo para manipular Realidades. Suas roupas e o aparelho tomaram um aspecto do final dos anos 50. Não era tão difícil, já que cada aparelho era ligado aos seus próprios genes mutantes, o que tornava cada alternauta um patrulheiro único, mesmo que com várias versões suas em diversas Realidades Alternativas. Mas até que dominasse seu novo ofício, teria a companhia de Tanya Titov. Isso também não era nada ruim, já que se tornaram amantes.

– Está querendo voltar a alguma época daquela realidade periférica, estou vendo.

– O Cronômetro dela seguiu a mesma orientação. Gostou do vestido e do penteado que assumiu.

– Em minha realidade original... "dieselpunk", como você a classifica, o século XX teve apenas um "le roi du football". Friedenreich, o mulato que derrotou os nazistas. Mas descobri que naquela realidade retrofuturista em que fui jogado, existe outro rei do futebol, chamado Pelé. Gostaria de voltar a ela. Vejamos: Suécia, 1958. Quero conhecer o outro Rei do Futebol.

Acréscimos

Arthur Friedenreich – *Filho de alemão com uma lavadeira negra, foi o primeiro grande ídolo do futebol brasileiro. Nascido no Bairro da Luz, em São Paulo, aprendeu a jogar bola com bexiga de boi e introduziu o drible curto, o chute de efeito e a finta de corpo. Graças a seus olhos verdes, o mulato alto venceu o preconceito de cor dos elitistas times de então e jogou pelo Germânia, Mackenzie, Ypiranga, Paulistano, São Paulo, Atlético mineiro, Flamengo e outros times. Chamado pelos franceses de "Le roi du football", após uma excursão pela Europa, e "El Tigre" pelos uruguaios, após a conquista da Copa Sul-Americana, teria atingido os 1000 gols antes de Pelé, futuro Rei do Futebol, embora não existam registros e imagens da época.*

Charles Miller – *Filho de pai escocês, foi o introdutor do futebol no Brasil, em 1894, que praticou na Inglaterra. Trouxe na bagagem duas bolas usadas, um par de chuteiras, um livro com as regras do futebol, uma bomba de encher bolas e uniformes usados. Sua esposa, uma famosa pianista, o abandonou na década de 1920 para viver com o escritor Menotti Del Picchia, autor de A República 3000 ou A Filha do Inca, um dos primeiros romances brasileiros de ficção científica. Mas isto não vem ao caso, exceto por ser este um conto de futebol e ficção científica...*

A Copa do Mundo de 1942 – *Naturalmente, em nossa Realidade Alternativa não houve essa Copa, devido ao mundo estar muito ocupado com a Segunda Guerra Mundial. Outras datas podem parecer imprecisas, mas é claro, nem tudo ocorre na mesma época em cada Realidade Alternativa. Pelo menos, até que os alternautas editem tudo.*

Contos do Dragão

Este livro faz parte da coleção *Contos do Dragão*, o maior acervo de contos publicados de forma individual do Brasil. Fantasia, Ficção Cientifica, Terror, Policial, Chick-Lit, Romance Paranormal, Erotismo e muito mais. Conheça outros títulos em

www.editoradraco.com/contos